Aturá Revista Pan-Amazônica de Comunicação
ISSN nº 2526-8031 Vol. 1, n. 1, Jan-Abr. 2017

A FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO: MEMÓRIA E RELIGIOSIDADE EM NATIVIDADE-TOCANTINS

Resenha

Poliana Macedo de Sousa[1, 2]

Livro:

SOUSA, Poliana Macedo de. **A festa do divino Espírito Santo: memória e religiosidade em Natividade-Tocantins**. [recurso eletrônico] / Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2017. Disponível em: http://www.editorafi.org/133poliana.

Recebido em: 28.03.2017. Aceito em: 17.04.2017. Publicado em: 30.04.2017.

1 Mestra em Ciências do Ambiente pela Universidade Federal do Tocantins - UFT (2012), graduada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo (2007) e especialista Lato Sensu em Cidadania e Cultura (2009) pela mesma instituição. Atualmente é Servidora Pública Federal atuando como técnico administrativo na Diretoria de Pesquisa da UFT, Professora convidada do curso de Jornalismo na disciplina "Comunicação Comunitária" da UFT e Editora Administrativa da Desafios - Revista Interdisciplinar da Universidade Federal do Tocantins. E-mail: polimacedo@uft.edu.br.

2 Endereço de contato da autora (por correio): Universidade Federal do Tocantins. Curso de Comunicação Social/Jornalismo. Avenida NS 15, 109 - Plano Diretor Norte, Palmas - TO, Brasil. CEP: 77001-090.

Aturá Revista Pan-Amazônica de Comunicação

ISSN nº 2526-8031 Vol. 1, n. 1, Jan-Abr. 2017

"*A festa do divino Espírito Santo: memória e religiosidade em Natividade-Tocantins*" é resultado da dissertação de mestrado em Ciências do Ambiente defendida em maio de 2012, na Universidade Federal do Tocantins, e tem como objetivo relatar o processo de organização da comunidade de Natividade,[3] no Tocantins, em torno da realização da Festa do Divino Espírito Santo, além de compreender a sua contribuição na construção da cultural local.

Nesse sentido, a autora trabalhou com a relação entre a produção dos saberes e a ocupação dos espaços por grupos sociais que buscam assegurar a reprodução de suas marcas identitárias, utilizando o campo da folkcomunicação e da história oral como referencial metodológico e suporte teórico.

Caracterizada como uma festa católica, um sinal de partilha e de compromisso na missão de reunir os fiéis em torno da mensagem de Cristo, a festa de Pentecostes dá lugar às manifestações comunitárias de regozijo e alegria em que as pessoas do campo juntavam-se na cidade mais próxima, seguindo em procissão, cantando e dançando em louvor ao Divino Espírito Santo.

As festas em celebração a Pentecostes, ou como também se conhece: festas do Divino Espírito Santo, tiveram sua origem em Portugal com expansão do seu culto por toda a Europa Ocidental, durante o século XII, com grande influência fomentadora de ordens religiosas, como os franciscanos; o patrocínio do poder real e, por arrastamento, das classes sociais mais abastadas; o seu caráter caritativo do "bodo aos pobres[4]", o que tinha grande popularidade; cortejos e cerimoniais ricos e suntuosos, com espetáculos impressionantes; e implementação desse culto, preferencialmente em zonas de influência dos grandes centros (ABREU, 1999).

Essa festa chegou ao Brasil por meio da colonização dos portugueses. De um modo geral, as festas do Espírito Santo tiveram um ciclo de implementação, expansão e decadência na história de Portugal. A sua fase de implementação constituiu-se (possivelmente) no início do século XIII até a implantação do modelo "império" em Alenquer, no início do século XIV, com sua fase de expansão também no início do século XIV até meados dos séculos XVI e, por fim, a fase de decadência que vai ao final do século XVI até nossos dias com maior ou menor intensidade e linearidade (LOPES, 2004).

Atuando em três eixos: discussão sobre religião e fé, o histórico da festa no continente europeu e sua expansão até chegar ao Brasil e como a festa acontece

[3] É a mais antiga cidade do Estado do Tocantins - antes pertencente ao Norte Goiás fundada no século XVIII.

[4] Dar comida aos pobres.

Aturá Revista Pan-Amazônica de Comunicação
ISSN nº 2526-8031 Vol. 1, n. 1, Jan-Abr. 2017

em Natividade, além de todo o envolvimento dos devotos com a celebração, o livro *A festa do divino Espírito Santo. Memória e religiosidade em Natividade-Tocatins* analisa as festividades que ocorrem nesta cidade em louvor do culto mencionado na contemporaneidade, destacando alguns dos seus aspetos mais significativos. Tratando-se de uma cerimónia religiosa, integra, como todas, muitos elementos profanos, dando voz à cultura local e às multifacetadas formas dela se exprimir.

O município de Natividade fica a 220 km da capital, Palmas, na região sudeste do Tocantins. Sobre o contexto histórico de Natividade, no século XVIII com a chegada de imigrantes portugueses nessa região à procura de ouro, foi edificado em 1734 o Arraial de São Luiz por Antônio Ferraz de Araújo, no topo da Serra, pelas mãos de cerca de 40 mil escravos trazidos por esses desbravadores.

A festa do Divino Espírito Santo de Natividade é considerada uma festa tradicional no Tocantins, caracterizando-se pela sua singularidade em que alguns personagens, ritos e celebrações são distintos dos originários vindos com os colonizadores portugueses para o Brasil e, em conseqüência, para a região central do país.

A preparação para a festa inicia-se um ano antes, com o sorteio dos festeiros na Missa de Coroação do Imperador que acontece no Dia de Pentecostes. Nesse dia, os despachantes já sinalizam se vão ou não 'soltar' alguma folia, ajudando o Imperador e o Capitão do Mastro na busca de donativos (dinheiro ou produtos) para realização da festa. É a partir do sorteio dos festeiros que um novo ciclo se inicia, novas famílias serão inseridas nesse contexto e a devoção permanece.

Com o passar do ano, as atividades em torno da festa continuam: reuniões para escolha dos Alferes, foliões, locais e roteiros dos pousos, composição de músicas, entre outros. Até chegar o dia das celebrações mais solenes como a Saída das Folias, no Domingo de Páscoa da Semana Santa, os 40 dias de Giro das Folias, a Festa do Capitão do Mastro, Coroação e Festa do Imperador do Divino Espírito Santo.

Em linhas gerais, com relação aos aspectos metodológicos da pesquisa apresentada no livro, ela é descritiva, pois visa delinear as características de determinada população ou fenômeno, envolvendo uso de técnicas de coleta de dados como observação e entrevistas. Já do ponto de vista dos procedimentos técnicos, a pesquisa pode ser classificada como bibliográfica, elaborada a partir de material já publicado, como livros, artigos de periódicos e materiais da Internet, além de ser um levantamento, pois envolve a interrogação direta das pessoas.

Por analisar fenômenos, a pesquisa possui um viés do método

Aturá Revista Pan-Amazônica de Comunicação
ISSN nº 2526-8031 Vol. 1, n. 1, Jan-Abr. 2017

fenomenológico preconizado por Husserl[5], que se caracteriza por não ser um método nem indutivo e nem dedutivo. A preocupação é com a descrição direta: a realidade é construída, entendida, compreendida e interpretada socialmente e o sujeito é uma das peças importantes nesse processo de construção do conhecimento (GIL, 1999). Assim, direcionou-se o olhar para a compreensão dos acontecimentos por meio das falas dos entrevistados.

O livro levanta questionamentos sobre como ocorre o processo de organização da comunidade de Natividade em torno da festa do Divino Espírito Santo? Qual a sua contribuição para a cultura local? Como se deu o início desse modelo de comemoração, no caso "império"? Como é a atuação dos elementos folk presentes na relação entre a festa e a comunidade, em que a festa como um todo representa os processos comunicacionais?

Do aporte teórico e metodológico, pode-se ressaltar a folkcomunicação, a história oral e o lugar.

Sendo assim, no capitulo I, identificado como *O Sagrado e o profano nas festas religiosas,* aborda-se como foi estabelecido o conceito de religião, campo religioso e conceitos sobre o sagrado e profano nas festas religiosas, além de discorrer como se dá a relação do homem com a religião.

Emile Durkheim expôs em sua obra *As Formas Elementares da Vida Religiosa* (2008) que a religião só pode ser criação coletiva, pois não há "religião individual", sendo ainda uma imagem da sociedade, idealizada pelo homem para o homem, porém com suas raízes na realidade para ter relação com o tempo vivido e resistir ao tempo.

Definida por Luiz Beltrão (1967) citado por Benjamin (2008, p. 02), a folkcomunicação é "o conjunto de procedimentos de intercâmbio de informações, idéias, opiniões e atitudes dos públicos marginalizados urbanos e rurais, através de agentes e meios direta ou indiretamente ligados ao folclore".

E será por meio dos métodos que abordam a interdisciplinaridade que pode-se concluir as diversas etapas que uma pesquisa em folkcomunicação necessita como vinculá-la à história oral na aplicação da pesquisa.

"Espaço" e "lugar" estão ligados à experiência que é o processo de aprendizagem dessas relações estabelecidas entre as pessoas durante a festa do Divino Espírito Santo. As composições das rodas, catiras, cânticos retratam as experiências vividas pelo homem nos espaços por onde passou, reforçando a ligação com a região. "Os espaços do homem refletem a qualidade dos seus sentidos e sua mentalidade. A

[5] Para saber mais sobre o método fenomenológico ver HUSSERL, Edmund. A idéia da Fenomenologia. Tradução: Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1990.

mente frequentemente extrapola além da evidência sensorial" (TUAN, 1983, p. 18).

Sendo assim, é na produção de crenças e práticas religiosas estão os modos de representação e compreensão individual e em grupo que são sustentadas pela memória, que é revivida nos lugares, nos discursos e nas práticas.

No capitulo II, identificado como *Festas do Divino no Continente e além mar*, apresenta-se conceitos sobre festas e o histórico das comemorações da Festa do Espírito Santo na Europa Ocidental, bem como sua expansão em Portugal e em suas colônias, nos séculos XVII e XVIII, seguindo o modelo de "império" estabelecido pela Rainha Isabel de Aragão, ainda no século XIII. O livro apresenta também sobre as festas religiosas com enfoque temporal para o período da Época Moderna - o Barroco, pois foi o período em que a festa veio junto com os portugueses durante a colonização do Brasil, além de pesquisas acerca da Época Medieval (instalação do modelo de Império da festa do Divino em Alenquer). Há ainda, o relato do início das comemorações no Brasil (apesar de serem incertas as datas de sua chegada ao país), no Estado do Rio de Janeiro e de Goiás, mais precisamente em Pirenópolis, pelo fato do Tocantins ter feito parte desse Estado, sendo separado geopoliticamente em 1988.

Já no capítulo III, *Lugar, espaço e a interação na Festa do Divino Espírito Santo em Natividade – TO,* iniciando com a descrição das festas do Divino Espírito Santo no Estado do Tocantins, sobre as características de Natividade e relatos de todos os rituais dessa festa religiosa popular, com observação participante e trechos de cânticos, entrevistas e informações que possam ambientar o leitor e inseri-lo no contexto do lugar.

Em Natividade, há o relato do acompanhamento e descrição das formas de organização interna e externa dos personagens e foliões da festa, bem como suas relações com a comunidade, devotos e com outros grupos e instituições de apoio.

O capítulo conta ainda com uma análise mais densa a partir dos conceitos de lugar e espaço, dos estudos de campo de Carlos Brandão sobre as folias, ancorada nas entrevistas de foliões e devotos que participam cada qual à sua maneira da organização e rituais da festa do Divino.

Ao entrevistar os foliões e devotos da Festa do Divino Espírito Santo de Natividade, a autora consegue obter informações sobre a percepção e memória dos mesmos sobre as atividades acerca da festa. Sem contar com a análise por meio do suporte teórico de autores como Durkheim, Eliade, Bourdieu, Beltrão, Brandão e Tuan, as relações entre sagrado, profano, religiosidade, espaço, lugar e o homem, os quais contribuíram para a compreensão da importância da festa para os "nativitanos" e importância cultural para o Tocantins, bem como para

o entendimento do envolvimento que os devotos e foliões possuem pelo Divino Espírito Santo.

A preservação da festa do Divino Espírito Santo pela comunidade local, enquanto legado de patrimônio cultural, é um momento de renovação da fé e da confirmação do temor a Deus que é regada por muitos cânticos de catira, comidas típicas e licores. Com celebrações registradas desde 1904, identifica-se a importância desses ritos e a significância da festa para os membros de sua comunidade, não só pelo seu significado histórico atual, mas cultural de promover a festa que já era celebrada e, por isso, merece ser preservada e investigada.

E, por meio do registro dessa tradição resultando na construção do conhecimento produzido a partir da pesquisa e também como produto desse conhecimento, dar-se-á conhecer a comunidade a história dessa festa, sendo que esta seria uma devolução de memória registrada e, até então, dispersa nos documentos do passado. Este livro pretende contribuir para a preservação da cultura, da religiosidade e da memória, entendendo assim, que o meio ambiente é cultural, através de um estudo entrelaçado entre o passado e o presente.

Referências

ABREU, Martha. **O império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: Fapesp, 1999.

BENJAMIN, Roberto. Folkcomunicação: da proposta de Luiz Beltrão à contemporaneidade. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, 8-9, enero/diciembre 2008. Disponível em: <http://www.alaic.net/portal/revista/r8-9/cientifica_06.pdf>. Aceso em: 15 Nov 2011.

DURKHEIN, Emile. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. 3ª Ed. São Paulo: Paulus, 2008.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

LOPES, Aurélio**. Devoção e poder nas Festas do Espírito Santo**. Edições Cosmos, 2004.

PREFEITURA DE NATIVIDADE. História e Localização geográfica. Disponível em: <http://www.natividade.to.gov.br/> Acesso em: 19 jul 2010.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução de Lívia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.